



## A ÉTICA, A BELEZA E A ARTE NO RETRATO DE DORIAN GRAY

Sandra Fátima da Silva Araújo<sup>1</sup>  
Sarah da Silva Araújo<sup>2</sup>  
Sabrina da Silva Araújo<sup>3</sup>

### Resumo

Esse trabalho é resultado da pesquisa de mestrado da primeira autora, que em colaboração com as outras produziram este artigo. A justificativa da escolha de Oscar Wilde, surge de uma grande admiração por parte das autoras, pela obra e por essa misteriosa trama em que todos são envolvidos, associada à riqueza e diversidade de elementos que a permeiam. Dessa maneira, e considerando a riqueza da obra como objeto de estudo, para a realização da pesquisa requer-se um suporte teórico de autores que versam sobre linguagem, arte, literatura e cultura, realiza-se uma abordagem qualitativa, adotando-se a metodologia da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo, por constituírem indicadores indispensáveis para uma compreensão da sociedade, das práticas humanas e dos valores ali inseridos.

**Palavras-chave:** Ética. Beleza. Dorian Gray

### Introdução

O objeto desse trabalho é o livro, *O retrato de Dorian Gray*, escrito por Oscar Wilde, publicado pela primeira vez em 1890. Essa narrativa trata da relação estabelecida entre o jovem Dorian Gray, o pintor Basil Hallward e o experiente Lorde Henry, conectados pelo retrato que representa a imagem de Gray. A narrativa de *O retrato de Dorian Gray* se passa em Londres, no final do século XIX, ainda durante a época vitoriana.


A justificativa para estudar esse autor inglês surge de uma grande admiração das autoras pela obra e por essa misteriosa trama em que todos são envolvidos, associada à riqueza e diversidade de fatos, aspectos e elementos que a permeiam. Ademais, adota-se a metodologia da revisão bibliográfica e da análise de conteúdo, por constituírem indicadores

<sup>1</sup> Mestre em Letras Literatura e crítica literária pela PUC – GO. Professora da Rede Municipal e Estadual de Educação de Anápolis/GO. E-mail: sandra.pacto.go@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) da Universidade Estadual de Goiás (UEG). E-mail: sarah.pacto.go@gmail.com

<sup>3</sup> Graduanda em psicologia pelo Centro Universitário Unievangélica, Anápolis-GO. E-mail: sabrinaaraujo.psyco@gmail.com





indispensáveis para uma compreensão da sociedade, das práticas humanas e dos valores ali inseridos.

A obra analisada neste trabalho associa-se aos parâmetros do século XIX, pois se constrói a partir da questão estética e dos modelos a ela associados, condizentes com o período caracterizado pelo endeusamento à imagem, à beleza, à valorização do corpo, do físico, do exterior em detrimento do interior, nas palavras de Wilde:

Mas a beleza, a verdadeira beleza, acaba onde principia a expressão inteligente. A inteligência em si é uma espécie de exagero; desmancha a harmonia de qualquer rosto. A partir do instante em que nos metemos a pensar, vamos ficando só olhos, ou só testa, ou qualquer outro horror. (WILDE, 2014, p.16)

Considerando essa afirmativa, parte-se do pressuposto de que a beleza, via de regra, estaria intimamente relacionada à ausência do pensamento crítico, tendo em vista que aos “belos” caberia um papel “artístico”, de observação e admiração por parte dos demais indivíduos.

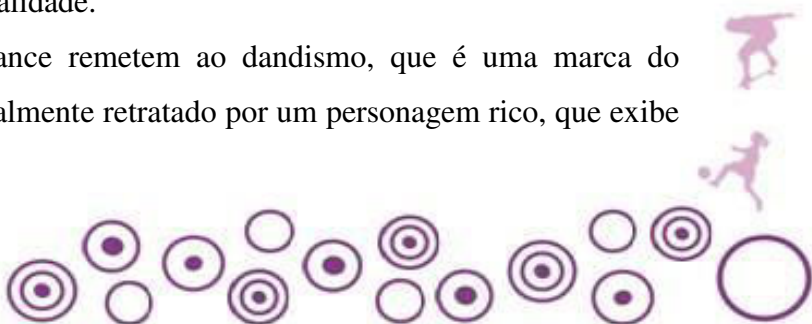
O romance constrói-se na tentativa de perpetuação da eterna juventude, materializado no quadro que traz a imagem de Dorian Gray, personagem que paga um alto preço para ver seu desejo realizado, pactuando, manipulando e sendo manipulado. Produzida para imortalizar a juventude de Gray, a pintura configura-se num vetor da ironia, por representar o objeto-valor de Gray, quando este tenta, a todo custo, ser jovem para sempre, no entanto, a juventude eterna mostra-se uma falácia, uma vez que ser jovem para sempre condiciona o indivíduo a uma morte precoce.


### **O retrato: um disfarce e uma máscara na sociedade moderna**

A complexidade do romance *O retrato de Dorian Gray* é notória e ainda há muitas facetas a serem desvendadas. O espanto que o retrato suscita vem de um estranhamento da própria imagem retratada, de uma ambiguidade que nela se manifesta, sobretudo no que diz respeito à presença e à ausência: diante de um retrato, somos remetidos à presença de uma pessoa que, no entanto, não está realmente ali.

A imagem do retrato evoca simultaneamente a presença e a ausência, o próximo e o distante, o semelhante e o dessemelhante, o passado, o presente e o futuro, a juventude e a velhice, numa complexa rede de atemporalidade.

As marcas presentes nesse romance remetem ao dandismo, que é uma marca do romance inglês do período vitoriano, geralmente retratado por um personagem rico, que exhibe





elegância e luxo, e intenta manter sempre uma aparência de distinção dentre os demais. Baudelaire discutiu esse aspecto, ressaltando que:

[...] esses seres não têm outra ocupação senão cultivar a ideia do belo em suas próprias pessoas, satisfazer suas paixões, sentir e pensar. Possuem, a seu bel-prazer e em larga medida, tempo e dinheiro, sem os quais a fantasia, reduzida ao estado de devaneio passageiro, dificilmente pode ser traduzida em ação. (BAUDELAIRE, 1988, p. 183).

Interessante observar que a presença desse dandismo é também uma das inquietações da modernidade, sobre a qual Baudelaire discorre, apontando que o artista retira de seu tempo os elementos em busca de algo que o diferencie do que então é corrente. Em cada época, em cada tempo, mesmo que um artista apresente em sua obra de arte algo próprio desse momento, haverá algum aspecto ou elemento que a diferencie, que a torne singular em relação a outras produzidas.


A arte tem o poder de eternizar um instante, ressaltando a capacidade de se colocar de forma alheia ao tempo e, por isso, ser sempre moderna. Desse modo, não é o tempo que age sobre a obra de arte, e sim, ela que o abriga em si.

A semelhança do retrato com o modelo é intensa e nos momentos subsequentes à conclusão da pintura, os personagens referem-se ao quadro como se fosse também o modelo, o que pode ser verificado nos trechos a seguir dos diálogos entre o modelo, o pintor e um amigo:

- Apreciá-lo? Adoro-o Basílio. Sinto que é parte de mim mesmo.
- Bem, assim que “você” estiver seco, será envernizado, posto numa moldura e enviado à sua casa. Você poderá, então, fazer o que quiser de “você” mesmo.
- [...]
- Você não deveria dizer tais coisas diante de Dorian Gray, Harry.
- Diante de que Dorian? Do que nos serve o chá ou daquele do retrato?
- Diante de ambos.
- [...]
- Ficarei com o verdadeiro Dorian – disse tristemente.
- É esse o verdadeiro Dorian?
- exclamou o original do retrato, adiantando-se até ele.
- Sou realmente assim?
- Sim, você é exatamente assim.
- Maravilhoso, Basílio!
- Pelo menos, na aparência, você é assim. Mas este não mudará nunca – suspirou Hallward. – E já é alguma coisa. (WILDE, 2014, p. 35).

Os fragmentos registram a força de um retrato e como este se confunde com a própria pessoa, sendo tratado quase como se fosse a pessoa real. O jovem Dorian, ao ver o retrato finalizado, encanta-se completamente – por sua própria imagem –, e é por meio da pintura que Dorian consegue enxergar sua intensa beleza. Ao mesmo tempo, tem consciência de que a





beleza, assim como a juventude, é efêmera, e constata que o tempo provocará a ruína das coisas que são belas.

### Ética e beleza

A beleza é tema constante na literatura e motivo de muitas produções poéticas. Entre os pensadores gregos, o belo estava associado a três acepções: a estética, a moral e a espiritual. Vários filósofos se dedicaram ao tema e Platão afirmava que a beleza se relacionava à inteligência pura, uma espécie de arrebatamento e de entusiasmo que se apodera dos poetas. Em contraposição, Aristóteles considerava a beleza associada à harmonia e ao ordenamento, em busca do equilíbrio e do que agrada o sujeito.

Desse modo, a arte assume papéis diversos de acordo com a época e com as reflexões sobre sua constituição e o fazer poético, sofrendo influências da constituição sócio histórica. Em *O retrato de Dorian Gray*, o retrato pintado é, pois, obra de arte, arte, por sua vez, compreendida não em sentido platônico, enquanto mimese, mas criação pictórica, própria da realidade e das várias nuances interpretativas.


O ato de criação artística somente se opera mediante as significações do objeto para o qual se volta a atividade do artista e, se o artista tende a aplicar o seu eu individual no ato da criação, essa individualidade não lhe é dada como ato determinante da criação, porém é antes dada na interdependência entre arte-artista-obra, como definiu Heidegger: “A origem da obra de arte e do artista é a arte” (HEIDEGGER, 2002, p. 58). Por isso, a semelhança produzida pelo artista é algo ilusório, enganador, simuladora de uma realidade que, de fato, não existe.

Considerando a questão da apreciação estética, a criação depende da sensibilidade e da maneira distinta de como o artista exprime a impressão pessoal sobre a coisa bela, enquanto vivência estética, constituindo um juízo estético que está conectado com a capacidade de provocar o julgamento, o diálogo expansivo com o mundo dado pelo artista/autor, que reverbera na própria existência.

A experiência estética é o prazer da consciência intimamente ligado ao juízo do gosto e a beleza, condição de ser dos próprios objetos. Para Schiller, o artista deve superar em si os limites do caráter específico de sua arte, ressignificando a própria matéria que elabora. Nesse sentido ele afirma que:

É claro que aqui só se trata da aparência estética que se distingue da realidade e da verdade – não da aparência lógica que se confunde com essas –, que consequentemente é amada por ser aparência e não porque se possa tomá-la por algo melhor que ela mesma. Somente a primeira é jogo, ao passo que a segunda é mero engano [...] o impulso lúdico se apraz na aparência. (SCHILLER, 2002, p. 130).





De acordo com a concepção schilleriana, para o olhar de Basil, Dorian Gray, é a personificação do belo, da arte, é a forma imponente, a imagem que se impõe às expectativas do pintor, sendo, inclusive, muitas vezes, observado de longe, às escondidas. Logo, Dorian se reafirma sob o domínio artístico de Basil, mas deixa-o livre para imaginar. Basil, com a imaginação livre, joga com a imagem de Gray, aparência estética que é jogo, jogo de aparências, que se distingue da realidade e da verdade.

### **A beleza como símbolo da moralidade**

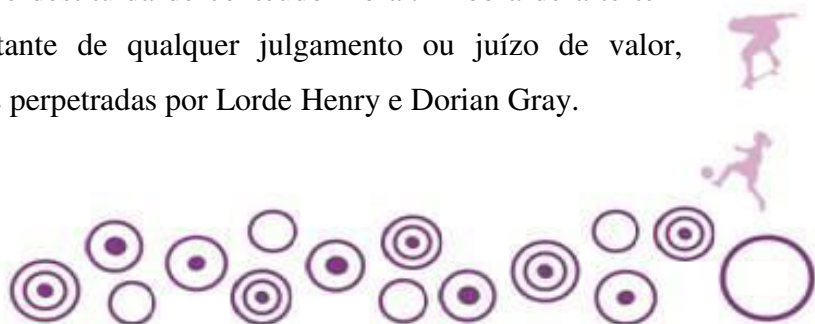
A moral é outro aspecto explorado pela arte e, no caso de O retrato de Dorian Gray, não é diferente. Já no prefácio do livro, Wilde trata da relação entre o homem e o mundo e os valores que modelam a sociedade e afirma que o artista, articula processos para atingir a perfeição, símbolo da beleza, nas palavras do escritor: “revelar a arte e ocultar o artista é a finalidade da arte”.

Cada tempo faz com que os valores sejam modificados e circulem por meios diversos, e não é diferente com a sociedade vitoriana, moldada em um comportamento esteta e individualizante, marcada pela valorização da beleza. Assim, a moral é um código aberto capaz de promover a felicidade que, por sua vez, tudo justifica em nome do exercício de matar o tédio.


Na obra existe um laço indissociável entre arte e moral, em um primeiro momento, a obra é exemplar da perfeição clássica: sublime e belo, bem elaborado e harmonioso, em um segundo momento, torna-se grotesca, como se retratasse o processo de transformação da pintura. O artista pode adotar como tema a vida moral do homem, contudo a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito.

De acordo com a concepção de Wilde, a arte está acima da moral e Dorian Gray personifica o estilo estético de vida, perseguindo gratificações pessoais e satisfazendo-se com indulgências até chegar à imoralidade e ao crime, confirmando o pensamento proposto pelo esteticismo: nenhum crime é vulgar, mas toda vulgaridade é crime.

Como afirma Duggan, esse movimento estético concomitante com a Revolução Industrial do final do século XIX “ênfatizou o aspecto artístico do trabalho do ser humano em produzir uma variedade de bens, desde mobiliário até máquinas e literatura” (2009, p.60-68). ele postulava, ainda, que a obra de arte é destituída de conteúdo moral. A obra de arte tem uma moralidade própria, portanto distante de qualquer julgamento ou juízo de valor, justificam-se, desse modo, todas as ações perpetradas por Lorde Henry e Dorian Gray.







A arte representa e repercute o contexto social, é como um elemento constitutivo da sociedade e pode, por exemplo, representar ou simbolizar um regime democrático por meio de uma obra ou monumento comemorativo, ou o absolutismo do poder político.

É a partir do culto ao belo que o autor dá margem para a ampliação de outras características do esteticismo, como a liberdade do indivíduo e o desenvolvimento de sua personalidade. O retrato foi criado para ser escondido e não exibido, por ser capaz de revelar uma alma impura e doentia, contrária ao espírito belo e moralizante.

Consciente de todos esses aspectos, Wilde destaca a inovação de sua obra, sobretudo devido a duras críticas que recebera quando da publicação do romance:

Costuma-se dizer que a Beleza é somente superficial. Pode ser que seja. Mas não tão superficial, pelo menos, como o Pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Só o medíocre não julga pelas aparências. O verdadeiro mistério do mundo é o visível, não o invisível. (WILDE, 2014, p. 24).

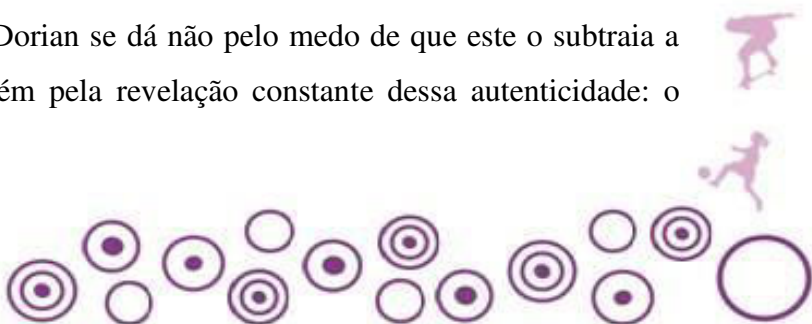
Nesse trecho, o aristocrata julga a beleza como um valor mais importante que o pensamento. Está impregnada, na fala do personagem, toda uma ideologia de classe da sociedade vitoriana, em que se supervaloriza a aparência e o poder aquisitivo ante a essência de cada ser humano. Dessa forma, Wilde procura mostrar e denunciar na sua obra a prática desses contravalores, dos antagonismos de uma sociedade que se esconde atrás de uma máscara, por isso a experiência estética é uma maneira de se entender o mundo e da instauração de novos conceitos da realidade.

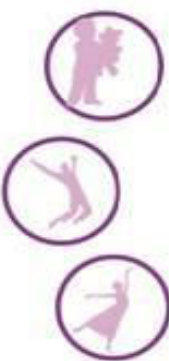
### **Considerações finais**

O retrato de Dorian Gray, enquanto obra de arte, tem o privilégio de ser uma criação única, esteticamente insubstituível. Oscar Wilde devolve ao leitor a individualidade, ao longo da leitura, mas afirma, no fundo, uma verdade muito séria: a identidade pessoal é algo intransferível.

Há um esforço na obra em se particularizar o contexto, formado na narrativa, através do detalhamento de vários aspectos e uma variedade de circunstâncias, que permitem uma aparência real a um mundo imaginário, num esforço de se assemelhar à realidade.

Comprova-se, pela análise realizada, a grande ironia presente no romance, construída em torno do jovem Gray que intenta, a qualquer preço, manter a beleza e a juventude eternas em uma relação conflituosa que Dorian Gray estabelece com o retrato, e ambos terminam por serem destruídos. O comportamento de Dorian se dá não pelo medo de que este o subtraia a autenticidade de sua personalidade, porém pela revelação constante dessa autenticidade: o





verdadeiro Dorian, aquele que ninguém vê, o assassino, frio e perverso impresso no retrato, não pode ser simplesmente ignorado pelo Dorian que exhibe uma beleza eterna.

### Referências

BAUDELAIRE, Charles. O pintor da vida moderna. *In*: COELHO, Teixeira (Org.). *A modernidade de Baudelaire*. Trad. Suely Cassal. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 159-212.

DUGGAN, Patrick. **The Conflict Between Aestheticism and Morality in Oscar Wilde's The Picture of Dorian Gray**. Boston: University Arts & Sciences Writing Program, 2009.

HEIDEGGER, Martin. **Caminhos de floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. São Paulo, Iluminuras, 2002.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Tradução Lígia Junqueira. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

**Catálogo na Publicação:**

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar  
Diagramação: Thomas Aguiar

